

Configuração e articulações da atual Cena Rock Independente na cidade de Cruz das Almas – Bahia¹

Celina Adriana Brandão Pereira²

Jorge Luiz Cunha Cardoso Filho³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, Bahia

Resumo

O presente artigo pretende demonstrar a configuração da atual Cena Rock Independente na cidade de Cruz das Almas, apontando suas heterogeneidades e pontos de articulação dentro dos diversos gêneros e subgêneros musicais que a compõem. Para tanto, será analisado um dos espaços responsáveis pela consolidação da cena, a casa de Dinho Batera, identificando estratégias através das quais essa cena sobrevive. Para amparo conceitual, serão utilizados estudos do termo cena musical, e novo mapa das mediações proposto por Martín-Barbero, em seus eixos diacrônico e sincrônico.

Palavras-chave

Rock Independente; Cruz das Almas; cena musical; gênero musical; mapa das mediações.

Introdução

Cruz das Almas é uma cidade do interior da Bahia, situada no Recôncavo baiano e que fica localizada a 147 km de Salvador, a capital do estado. A cidade pode ser considerada de pequeno porte – com seus 144 km², Cruz das Almas possui cerca de 60 mil habitantes. Culturalmente, a cidade é conhecida pelos festejos juninos, possuindo uma das festas de São João mais conhecidas e tradicionais do estado e do país. Outro aspecto notório em Cruz das Almas é o grande número de habitantes jovens, pois o município abriga uma universidade federal - um dos campi da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Apesar de a cultura jovem e da tradição junina local configurarem um circuito comercial da música onde imperam ritmos musicais como o forró, o pagode, o sertanejo e o arrocha, a cidade possui um circuito musical alternativo e contracultural, que atrai muitos jovens e que consegue se sustentar enquanto cena musical. Trata-se da Cena Rock cruzalmense, cujos primórdios, segundo relatos dos participantes e ex-participantes da cena

¹ Trabalho apresentado na Divisão de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação-Jornalismo do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL – UFRB), email: celinapereira@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação-Jornalismo do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL – UFRB) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (POSCOM, UFBA), email: cardosofilho.jorge@gmail.com

podem ser datados do início da década de 1970⁴. Desde então, Cruz das Almas passou a ser conhecida não apenas como a cidade do São João, mas também como “Cidade do Rock”⁵, configurando uma cena que sobrevive, se autossustenta e se fortalece num circuito independente, e que resiste aos apelos da música comercial tão explorada na cidade. Trata-se de um circuito que envolve não apenas músicos e bandas, mas que consegue articular em seus praticantes um estilo de vida próprio, que os identifica enquanto participantes da cena.



Fig 01. Cruz das Almas, Cidade do Rock.
Monumento pichado na entrada da cidade. (Foto: Caio Braga)

O objetivo deste artigo é demonstrar a configuração e a articulação da Cena Rock alternativa da cidade, partindo de um dos locais mais importantes para a manutenção dessa cena – a casa de Dinho Batera, e demonstrar a heterogeneidade musical da própria cena (os diversos subgêneros de Rock) como alternativa para sobrevivência do movimento. Também será apontado o papel dos integrantes não músicos para sustentar o Rock na cidade, através da divulgação de eventos, da propagação do estilo de vida, que ajudam a manter ainda que na “periferia musical” a subsistência desse estilo de vida e do Rock na cidade.

Como aparato teórico, o artigo se apoia no novo mapa das mediações de Jesus Martín-Barbero e no estudo dos elementos que compõem a cena musical, para auxiliar na compreensão das práticas dos movimentos ligados ao Rock na cidade.

Movimento Independente – A casa de Dinho Batera

Cruz das Almas atualmente possui poucos espaços dedicados apenas ao movimento Rock, e nenhum espaço comercial voltado exclusivamente para esse fim. Como ponto de

⁴ Segundo conversas com cruzalenses e os próprios integrantes da atual cena rock, a primeira banda de Rock documentada na cidade é a banda “Os Rebeldes”, datada da primeira metade da década de 70, tendo como principais integrantes Sérgio, Guto e Beto Rebelde.

⁵ No monumento localizado na entrada da cidade, com a indicação do nome “Cruz das Almas” com o a letra L faltando e o emblema da cidade, existe uma pichação clara da frase “cidade do rock..” Não se sabe quem é o autor da pichação, mas sempre que o monumento é pintado, a frase logo reaparece.

partida para análise de um dos locais independentes onde esse cenário se desenvolve, partiremos da análise da casa de Dinho Batera⁶.

A casa de Edson Batista, conhecido como Dinho Batera, é o espaço da cidade onde o cenário independente do Rock encontra maior facilidade e apoio para realizar seus eventos. A casa de Dinho fica no bairro Parque Santa Cruz, localizado entre o centro e a entrada da cidade, e fica próximo a locais como a pista principal de acesso à cidade e a rodoviária, o que facilita o acesso de pessoas de outras localidades aos eventos. Segundo Dinho, “Aqui é a casa que eu moro. Ultimamente tem sido conhecida como a casa do Rock por que virou um ponto de encontro. É uma casa distante. Como eu moro só e a casa é bem espaçosa, acabou virando ponto de ensaio e temos realizado também eventos musicais” (BATERA, 2013).

Estruturalmente, é possível dizer que a casa de Dinho é uma casa de esquina, vizinha a um terreno baldio. A casa é ampla, composta por três salas, cozinha, banheiro, três quartos (em um deles funciona permanentemente um estúdio improvisado para ensaios), além de uma varanda na frente e na lateral da casa, e um pequeno quintal nos fundos. Em dias de evento, a bateria, caixas, microfones e amplificadores que ficam no estúdio são transportados para a sala, onde os shows acontecem. Nesta sala, há uma peculiaridade: existe um espaço mais baixo, separado por um batente, que divide o espaço em dois níveis diferentes. É o que as pessoas costumam chamar de “buraco”. Devido ao fato de a porta de entrada ficar próxima da parte mais alta, o que facilita a circulação das pessoas, as bandas tocam no “buraco” e o público fica na parte mais alta.

Durante um evento, os quartos são isolados, e todos os demais espaços da casa de Dinho podem ser acessados por qualquer pessoa a qualquer momento. É só circular. A cozinha fica restrita às pessoas responsáveis pelo Rock Bar, cuja finalidade é vender bebidas (vinho, cerveja, licor) e comida (inclusive salgados veganos e vegetarianos) para com o dinheiro arrecadado, cobrir os gastos de cada evento (por exemplo, os custos de uma banda trazida de fora para tocar). Ainda que restrita, a cozinha é de livre acesso. Não existe proibição de entrada com comida e bebida no local – cada roqueiro pode levar seu próprio aparato.

Ao longo do ano de 2012, as paredes da casa de Dinho começaram a ganhar enfeites permanentes. São, em maior parte, folders xerocados em preto e branco com conteúdo anarquista, feminista, anti-nazista, desenhos, poesias, símbolos e set-list das bandas que já

⁶ Visita e entrevista realizada em março de 2013, para fins de confecção deste artigo.

tocaram. Também existem recados escritos diretamente nas paredes. Qualquer um pode colar o seu recado nas paredes, que é um espaço interativo. A pessoa vai para o evento e pode deixar a sua marca.



Fig 2. Paredes da casa de Dinho: feminismo, poesia e Rock. (Foto: Celina Pereira)

Os eventos que acontecem na casa de Dinho cobram uma entrada para ajudar a cobrir com os custos, ou arrecadar dinheiro para estrutura, ou para algum evento futuro. Os eventos acontecem em dias de sábado ou domingo, e normalmente se iniciam no período da tarde, para que, antes das 22h o som já tenha acabado.

A casa de Dinho é um espaço de portas abertas e de acesso fácil pelos músicos da cidade e da região. Praticamente todas as noites, acontece no estúdio o ensaio de alguma banda local, faça Dinho parte dela ou não (atualmente, Dinho é vocalista da *Banda Nove Meia Nove*, e baterista nas bandas *Cross of Souls*, *Exclusos* e *The Gins!*). Sempre antes das 22h, os ensaios acabam para evitar conflitos com vizinhos. Apesar dos eventos e ensaios, nunca houve problema e reclamação por parte dos moradores de sua rua e seu bairro, pois os eventos respeitam horários e Dinho e sua família são conhecidos há muitos anos pela vizinhança, além de Dinho ser muito querido por todos. Os Shows na casa de Dinho conseguem comportar uma média de 100 pessoas, normalmente, oriundas das cidades de São Felipe, Sapeaçu, Castro Alves, Mangabeira, Muritiba entre outras. Os eventos tentam trazer sempre que possível alguma banda de outros lugares. Pela casa Dinho já passaram bandas nacionalmente conhecidas e respeitadas pelo movimento punk, como a Horda Punk, a Cama de Jornal e a Tuna.

Dinho relata as dificuldades de se fazer Rock na cidade:

Fazer rock em Cruz das Almas, como em qualquer outra cidade que não tem tradição na música é complicado, ainda mais com o rock, que não é a música que tem mais visibilidade na grande mídia. É uma batalha: é vontade, é paixão, é guerra dia após dia. Começa pelas condições financeiras: nem todo mundo pode ter seu instrumento, fazer aula e aperfeiçoar suas técnicas musicais; depois pelo conhecimento de saber lidar com eventos pois a gente não tem ninguém que faça

isso pela gente. Temos que aprender a lidar com as bandas e ainda se virar pra arranjar algum lugar pra tocar (BATERA, 2013).

Todos os eventos são organizados por integrantes do movimento Rock da cidade, dos mais diversos gêneros (desde o Pop Rock e o Rock mais clássico ao Anarco-Punk, Metal e Hard Core). A divulgação dos eventos é feita basicamente através do boca a boca e do Facebook. Não existe nenhum pré-requisito para tocar na casa de Dinho: basta ter a banda inclusa no evento, o que normalmente é resolvido em reuniões e conversas entre os organizadores facilmente. Além dos roqueiros cruzalmenses, os eventos da casa de Dinho reúnem diversos músicos e admiradores do Rock da região mais próxima – sempre há presença de pessoas das cidades vizinhas. Não existem nomes fixos para os eventos. Um dos primeiros aconteceu no final de 2009, e foi chamado de House of Fear. A partir daí, o nome dos eventos passaram a variar de acordo com os gêneros das bandas que tocam em cada um deles. O único nome fixo tem sido o Rock Bar, que é também uma espécie de coletivo que organiza os shows, eventos e outras participações. Em 2012, o Rock Bar marcou presença na festa de São João da cidade com uma barraca alternativa, onde tocava Rock e havia inclusive um telão com Datashow para reproduzir shows e clipes do gênero.

Gênero Rock, Cena Musical e Estilo de Vida

De forma genérica e ampla, o termo Rock refere-se ao gênero musical popular que se desenvolveu nos Estados Unidos da América a partir da década de 50, derivando de outros gêneros também populares como o jazz, o blues, o country, o R&B entre outras influências. Uma banda de Rock possui uma formação básica composta além dos vocais, por instrumentos como baixo, bateria e guitarra. Tem-se que o Rock possui notória importância no que diz respeito às práticas de audibilidade, conforme salienta Cardoso Filho:

A emergência do Rock 'n' Roll na década de 50 e, mais precisamente, do Rock na década de 60, expressa de forma muito interessante a configuração que passou a predominar no modo de relacionamento com a música, especificamente, as práticas de escuta e a cultura de audição (CARSOSO FILHO, 2010, p.34).

A mudança das relações entre música, ouvinte, e cultura propiciadas pelo Rock transgrediram a sua época e local de origem e se estendem até os dias de hoje, nos mais diversos locais do planeta e também nos mais diversos gêneros musicais desenvolvidos a partir de então. Tiago Monteiro (2006, p.41) identifica uma ideologia Rock, que seria

composta pela autenticidade dos atores do gênero, criatividade frente às pressões da indústria fonográfica, além de identificar no astro do Rock uma figura midiática capaz de articular um sentido de comunidade entre os fãs. Esses elementos podem ser identificados de diversas maneiras na Cena Rock Independente de Cruz das Almas, no que diz respeito aos fãs, às formas de produção e consumo musical independentes, à divulgação e execução dos eventos sem necessária articulação com o circuito musical hegemônico na cidade.

Conforme pode ser apreendido da análise do movimento e das práticas musicais tendo a casa de Dinho Batera como cerne ou enquanto ponto de apoio, é possível verificar que a Cena Rock descrita se apoia em uma ramificação de subgêneros do Rock para que seja viável uma articulação mais plena e uma força maior do movimento. Assim, se conceitualmente, entende-se o Rock enquanto gênero musical mais restrito e específico, para a compreensão da Cena Rock Independente de Cruz das Almas, tal entendimento mostra-se ampliado, levando em consideração a atitude Rock. A junção de diversos subgêneros musicais nos eventos ou na própria consecução das ações dos grupos mostra-se essencial frente às dificuldades de enfrentar o circuito musical comercial que a cidade propaga. Aqui ressalta-se o termo Rock Independente, que é utilizado no sentido de estar longe dos centros de concentração da produção cultural e que constrói um cenário próprio sustentado pelas bandas locais e pelo público local.

As bandas que se auto-organizam para realizar eventos de Rock dentro ou fora dos espaços independentes, precisam utilizar-se de diversas estratégias para os shows aconteçam, cobrindo os custos e sem trazer prejuízos às bandas. Uma das grandes dificuldades dos músicos é conseguir patrocínio no comércio da cidade ou apoio dos donos de casas de shows. Segundo Caio Braga, líder e vocalista da banda *The Gins!*

Os comerciantes da cidade são sempre resistentes a contribuir financeiramente com festas. Pior ainda se for uma festa de Rock. Apesar de universitária, a cidade é provinciana e poucos comerciantes têm consciência da importância da responsabilidade social do apoio cultural e da publicidade e propaganda. (BRAGA, 2013)

Assim, tem-se que as diferenças musicais existentes entre as bandas cruzalmenses, ao invés de se configurarem como um ponto de conflito, atuam como um elo de fortalecimento para o movimento e a Cena Rock Independente. Sobre os espaços para realização de eventos, Dinho salienta que a pouca articulação entre a Cena Rock e os espaços da cidade limita o crescimento deste movimento independente:

Minha casa, por exemplo, se transformou num lugar de eventos nem tanto apenas pela falta de espaços, mas pela falta de oportunidade de ocupar certos espaços aqui na cidade. A música é alta, a forma de dançar é quase que descontrolada e a gente aproveita o momento pra deixar os problemas de lado e extravasar. Alguns espaços não souberam e não sabem lidar com essa explosão juvenil. No início nós não sabíamos organizar eventos. A gente achava que era só ter banda, instrumento e som, e tudo acontecia de forma muito desorganizada. Algumas confusões eram inevitáveis. E por esse motivo, ao invés de recebermos apoio, tivemos as portas fechadas em diversos locais (BATERA, 2013).

No que diz respeito ao conceito de cena musical, a literatura impõe uma certa contradição acerca de que este termo diga respeito a um conceito propriamente dito ou não. Muito embora exista esse debate, é possível identificar elementos que irão configurar o que compõe uma cena musical propriamente dita. Conforme apontam João Freire Filho e Fernanda Fernandes (2006), a cena pode ser reconhecida pelo seu forte senso de comunidade, ligada aos padrões de sociabilidade urbano, sendo assim, portanto, vinculada a um tecido urbano enquanto materialidade.

Monteiro (2006) também reforça o sentido de comunidade existente nas cenas rock. Nos dizeres do autor,

O consumo do rock é, em grande medida, norteador por esse ideal de comunidade. Mais determinante do que o investimento afetivo sobre determinado objeto, é a partilha de um repertório simbólico comum que, ao mesmo tempo em que define o fã, também mantém a comunidade agregada- partindo do pressuposto de que a prática do fã sempre se configura como uma atividade social (MONTEIRO, 2006, p.51)

O autor Will Straw trabalha a concepção de cena musical, que é destacada por Freire Filho e Fernandes em sua obra. Nas palavras deles, segundo Straw,

(...) cenas musicais podem ser definidas como um espaço cultural no qual diversas práticas musicais coexistem, por meio de processos de diferenciação, de acordo com trajetórias variantes de mudança e fertilização mútua. Com base em alianças e coalizões ativamente criadas e mantidas, são articuladas formas de comunicação que contribuem para delinear fronteiras musicais (FREIRE FILHO e FERNANDES, 2006, p. 29 -30).

Essa concepção pode ser assistida em especial nas cenas de rock alternativo, como é o caso da Cena Rock Independente de Cruz das Almas, que consegue manter e equilibrar a convivência de diversas práticas musicais, considerando as ramificações do gênero Rock que coexistem e se auxiliam na sobrevivência em um meio não propício à cena musical em estudo.

Outro elemento importante para a configuração de uma cena musical consiste na comercialização e na manutenção de uma lógica de produção. Assim, nos dizeres dos mesmos autores,

A noção de cena musical almeja justamente proporcionar uma imagem mais nítida desta relação entre o local e a música que se produz nele. As iniciativas teóricas, nesse sentido, devem ter em mente que o surgimento de uma cena não é o resultado de interações puramente sociais, mas também a consequência da lógica de produção e da comercialização (...) (FREIRE FILHO e FERNANDES, 2006, p. 30)

Seguindo o raciocínio proposto pelos autores, identifica-se na cena musical cruzalmenoense uma lógica de produção, ainda que distante da realidade lucrativa da indústria fonográfica tradicional. Atualmente, as bandas existentes no cenário buscam gravar suas próprias músicas, discos e demos, que são na maioria das vezes disponibilizados gratuitamente para download ou para acesso em sites como o Youtube ou em redes sociais como o Facebook e o SoundCloud. As bandas organizam shows, participam de eventos, vendem camisas, comidas e bebidas ainda que com a finalidade de apenas tocar e projetar o trabalho das bandas, sem que seja possível vislumbrar um lucro real, que não seja revertido apenas para a propagação dos próprios trabalhos.

É possível dizer ainda que os integrantes legítimos da Cena Musical do Rock independente em Cruz das Almas vivem um estilo de vida peculiar, havendo uma relação íntima de cada um deles com o produto cultural e toda a significação embutida nele. Um exemplo disso são os integrantes das bandas de anarco-punk que adotam posicionamentos típicos do que seu gênero musical prega: anarquia, feminismo, anti-nazismo e até mesmo veganismo (ou seja, outras ideologias associadas à ideologia do gênero musical). Não obstante os que efetivamente se vinculam ao estilo de vida Rock, nota-se que grande parte do público nos eventos é formado também por pessoas que não adotam este estilo de vida, mas que participam dos shows mais para curtir a música e o ambiente, sem que necessariamente tenham competência prévia para apreciar o gênero. Assim, dentro da própria cena, é possível perceber diferentes níveis de engajamento com o Rock. Retomando a ideia de cena colocada por Freire Filho e Fernandes (2006, p. 32), a cena musical pode se referir a uma escolha de consumo musical, experiência que se constitui como puramente estética, e que não necessariamente se refere à rebeldia em relação à cultura dominante (como no caso do Rock em Cruz das Almas). O gosto é o fator unificador primordial e todos os demais fatores são posteriores (competência de recepção e engajamento com outros membros do grupo).

O Mapa da Cena Rock Independente de Cruz das Almas

O autor Jesus Martín-Barbero em seus estudos prévios no livro *Dos meios às Mediações* (1997), constrói um mapa “noturno” que contribui para explicar processos de produção, configuração e escuta musical. A partir de suas análises, é possível concluir, de forma sintética, que os processos ligados à experiência musical perpassam pelas mediações da vida cotidiana no contexto da experiência musical e pela singularidade da interação dos sujeitos com a música e consequentemente, com o seu processo de recepção.

Em seus estudos mais recentes, como na obra *Ofício de Cartógrafo* (2004), Jesús Martín-Barbero redesenha o mapa das mediações proposto em sua obra mais clássica. Assim, o autor consolida em seu trabalho mais recente uma nova configuração do mapa das mediações. Segundo a autora Itania Maria Mota Gomes,

(...)o que era apenas um mapa noturno, um mapa que nos permitiria “avançar tateando”, que serviria “para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo, o prazer”, que permitiria “o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos” (Martín-Barbero, 2006a, p. 290), transforma-se no novo mapa das mediações que o autor desenha em *Pistas para entre-ver meios e mediações* e consolida em *Ofício de Cartógrafo* (GOMES, 2011, p.117)

Alguns elementos do novo mapa proposto por Martín-Barbero auxiliam na reflexão sobre aspectos da Cena Rock Independente de Cruz das Almas, sendo possível transitar por alguns de seus eixos e extremidades. O mapa é composto por dois eixos retos que se cortam perpendicularmente. O eixo horizontal (chamado de *eixo diacrônico*) tem em uma de suas extremidades as *matrizes culturais* e na outra os *formatos industriais*. O eixo vertical (*eixo sincrônico*) corta o eixo diacrônico no centro, e possui na extremidade superior as *lógicas de produção*, e na inferior as *competências de recepção (consumo)*. Nos quadrantes 1, 2, 3 e 4 deste mapa, encontram-se nessa ordem tecnicidade, institucionalidade, socialidade e ritualidade.

Considerando um dos extremos do eixo diacrônico (ou seja, aquele que se transforma ao longo do tempo) a casa de Dinho Batera pode ser vista enquanto uma pequena dimensão dos *formatos industriais*, uma vez que o espaço se configura enquanto sede de articulação para o movimento, sendo inclusive palco para shows e eventos da Cena Rock alternativa local. Embora não seja o único espaço existente, é o único sempre disponível e onde é possível angariar mais recursos (financeiros e materiais como um todo) para sustentar a cena. Ainda levando em consideração as lógicas de produção, reforça-se

que o produto midiático consumido pelos integrantes da cena não impõe custos, como é o exemplo da disponibilidade dos arquivos em MP3 das bandas para livre circulação, reprodução e distribuição. Está distante, portanto, das formas hegemônicas de produção.

No que diz respeito às *competências de recepção* (extremo inferior do eixo sincrônico), a casa de Dinho Batera também encontra-se nessa extremidade, pois o que é consumido, produzido e reproduzido ali indica uma determinada tendência do que é escutado, admirado e ouvido dentro da Cena Musical Rock desenvolvida na cidade. Por outro lado é possível dizer que embora haja alguma manifestação a respeito de conhecimento prévio sobre o Rock, ele não é necessariamente exigido para a frequência e participação de outros sujeitos na cena. Uma das formas de divulgação das competências de recepção pode ser vista em grupos da rede social Facebook, como o Galera do Rock e o Recôncavo Rock Club⁷, que além de divulgarem eventos da cena local, deixam disponíveis links de clipes, músicas e informações sobre bandas de Rock nacionalmente e mundialmente reconhecidas, o que demonstraria uma competência prévia de recepção e um consumo de material de Rock que inspira a cena local. Entretanto, conforme já dito anteriormente, a cena não fica restrita apenas aos membros legítimos e que se dedicam aos estilos de vida majoritários da cena.

Na relação entre formatos industriais e competências de recepção encontra-se a *ritualidade*, que segundo Gomes “(...)é a mediação que conecta os formatos industriais com as competências da recepção e remete-nos ao nexos simbólico que sustenta toda comunicação” (GOMES, 2011, p. 120). A autora ainda destaca que as ritualidades são gramáticas de ação, inclusive do ato de escutar, que vão regular a interação entre espaços e tempos da vida cotidiana e que conformam os meios. No caso específico da Cena Rock Independente de Cruz das Almas, é possível identificar algumas ritualidades que constituem a cena. Nesse aspecto, tem destaque o consumo dos produtos midiáticos produzidos pelas bandas locais em formato MP3, a divulgação dos trabalhos do gênero musical, a divulgação da cena local através das redes sociais, a busca por material de bandas novas ou clássicas do gênero e a circulação desse material entre os integrantes da cena, implicando assim em pouco gasto com material oficial.

Por fim, entre as matrizes culturais (representadas pela música e pelo Rock em si) e as competências de recepção já abordadas, vislumbra-se a *socialidade*. Esta pode ser vista

⁷ Os grupos são fechados e acessíveis apenas para perfis aprovados, mas estão disponíveis respectivamente nos links <http://www.facebook.com/groups/206083642785882/?fref=ts> e <http://www.facebook.com/groups/206083642785882/?fref=ts>

através dos modos de vida dos membros legítimos da cena, identificáveis das mais diversas formas. Trata-se da maneira de se vestir (roupas pretas, mais despojadas, camisetas de bandas, preocupação com a estética não só da vestimenta como do próprio corpo, através dos cabelos, piercings e tatuagens, por exemplo). É válido ressaltar que no aspecto visual, nem todos os integrantes possuem uma estética homogênea ou que os identifique necessariamente como membro da Cena Rock. Há ainda os locais frequentados pelos roqueiros (bares menos badalados, casas de amigos, noitadas regadas a vinho, cachaça e violão na praça da matriz da cidade); a interação entre os membros (agregação de pessoas não só de Cruz das Almas como de outras cidades da região, que têm na cena local um ponto de encontro fixo). É essa socialidade o elemento que ajuda a manter a cena viva através do censo de comunidade é intrínseco à própria ideia de cena musical.

Conclusão

A partir da análise dos elementos expostos no presente artigo, é possível concluir que a cidade de Cruz das Almas possui uma Cena Rock Independente, legítima e articulada, e que pode ser vislumbrada não apenas sobre o espectro da ideia central de cena musical, como a partir do próprio mapa das mediações traçado por Jesús Martín-Barbero. Destacam-se na cena os aspectos da independência, da articulação entre os diversos gêneros, da autossustentabilidade, do uso das novas mídias sociais para divulgação e crescimento do movimento, da associação dos gêneros musicais com ideologias de apoio e do senso de comunidade e urbanidade que fortalecem os movimentos de rock que acontecem e sobrevivem, mesmo fora de um circuito comercial e dos grandes centros de produção cultural.

Em Cruz das Almas a cultura Rock muitas vezes representa a manifestação de uma cultura underground, possibilitando a insurgência de grupos à margem dos padrões sociais e que não se sentem incluídos em nenhum outro padrão. A diversidade possibilitada pela cena, todavia, inclui a participação de membros não legítimos, o que denota que nem sempre o Rock Independente produzido na cidade está necessariamente ligado a uma postura contracultural.

Por fim, é importante destacar a falta de espaços da cidade que abram as portas para as manifestações culturais do Rock Independente como um todo, e que as articulações com

o circuito comercial embora importante, não são imprescindíveis para a subsistência da cena em questão.

REFERÊNCIAS

BATERA, Dinho. **Entrevista concedida à pesquisadora**. Cruz das Almas, março, 2013.

BRAGA, Caio. **Entrevista concedida à pesquisadora**. Cruz das Almas, março, 2013.

CARDOSO FILHO, J. **Práticas de escuta do Rock: experiência estética, mediações e materialidades da comunicação**. Tese de doutorado em Comunicação Social obtida pela UFMG. Minas Gerais: 2010.

FERNANDES, F. M.; FREIRE FILHO, J. Jovens, Espaço Urbano e Identidade: **Reflexões sobre o conceito de Cena Musical**. In JANOTTI JR, J.; FREIRE FILHO, J. Comunicação & música popular massiva. Salvador: Edufba, 2006, p. 25-40.

GOMES, I. M. M. **Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero**. Revista FAMECOS (Impresso), 2011, v. 18, p. 111-130.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTIN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MONTEIRO, T. J. L. **Identidade, afeto e autenticidade: a (in)validade do discurso da Ideologia Rock no cenário musical contemporâneo**. In JANOTTI JR, J.; FREIRE FILHO, J. Comunicação & música popular massiva. Salvador: Edufba, 2006, p.41-54.

STRAW, W. **Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music**. Cultural Studies, vol.5, 1991.

SANTANA, A.M. **Cruz das Almas Cultural**. Salvador: Editora Contemp, 1980.